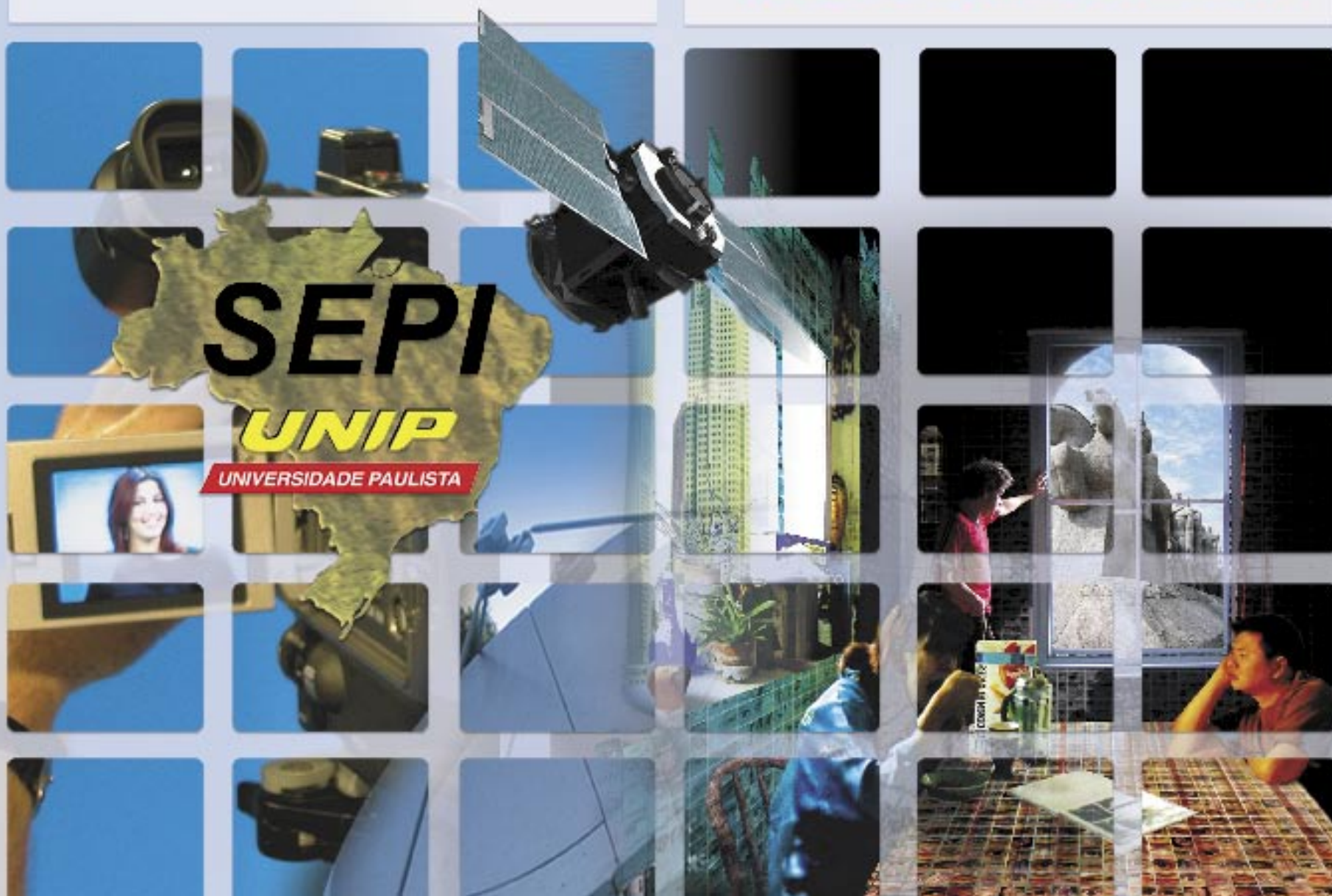


Nesta edição

- SEPI: Educação de qualidade
- Danuza Leão fala sobre quase tudo
- Drauzio Varella: Violência urbana, um problema social

- Nelson Jobim: O Conselho Nacional de Justiça
- Edson Vidigal: Lei de Crimes Hediondos
- Teatro simultâneo em três continentes



UNIP promove exposição fotográfica inédita do maestro e violinista Torquato Amore



Uma volta ao tempo na busca de parte da cultura musical paulistana parece ter sido uma das principais razões da realização da exposição fotográfica do renomado maestro e violinista Torquato Amore, nos *campi* Paraíso, Indianópolis, Chácara Santo Antônio e Anchieta da Universidade Paulista.

A mostra, chamada *Música, Maestro!*, contou com a coordenação de Laura Ancona e Antônio Adami, docentes da UNIP, e faz parte de um projeto ainda maior: o *Onda Cultural*, que é, segundo Laura Ancona, uma forma de valorizar a memória artística dos paulistanos em suas várias vertentes.

Particularmente na exposição sobre Torquato Amore, além do empenho dos organizadores e da participação ativa em pesquisas feitas pelos alunos do *campus* Chácara Santo Antônio e comunidades locais, um destaque especial deve ser

dado à própria filha de Amore, Lucia Amore Alves da Costa, pelo empréstimo do acervo, que reúne verdadeiras preciosidades de uma época, quando a arte erudita era apreciada por poucos, mas graúdos, componentes da sociedade paulistana. Fotografias de Torquato, de Caruso e de orquestras, como a do Teatro Scala de Milão (em turnê pelo Brasil em 1917), cartas, manuscritos e honrarias foram oferecidos aos frequentadores na exposição.

Um pouco da história de Torquato Amore...

Torquato Amore nasceu na Itália em 5 de julho de 1884 e morreu no Brasil em 9 de junho de 1945. Sua iniciação musical deu-se desde criança, quando já demonstrava um gosto apurado pela música erudita, evidenciando sua inerente vocação para a área. Quando tinha apenas 17 anos,

muito da Europa já lhe era conhecido, graças às apresentações que lhe renderam fama de virtuose do violino. Como *violino spalla* solou com Toscanini, Mascagni e Marinuzzi nos Teatros Regio de Turim, São Carlos de Nápoles e no Scala de Milão.

Em 1917, aos 33 anos, veio ao Brasil em virtude de uma turnê pela América do Sul com a Cia. Walter Mocchi, que era composta por nomes como Caruso, Della Rizza, Tita Ruffo, Danise e outros da orquestra do Scala de Milão. Torquato Amore gostou tanto do País que resolveu fixar residência em São Paulo, onde disseminou todo o seu conhecimento por meio da fundação da Sociedade de Concertos Symphonicos (posteriormente Orquestra Sinfônica Nacional), na década de 20, da qual foi diretor artístico e regente.

Sob sua batuta, Brailoswky, Rubinstein, Zecchi, Berger, Hammer,

Eduardo Risler, Rasquin, Miecio Horszouwsy, Magdalena Tagliaferro, Guiomar Novaes, entre outros, arrancaram aplausos e bravos de uma nascente platéia, que estava pegando o gosto pela arte sinfônica.

Torquato Amore também merece grande destaque no que diz respeito à arte de ensinar: de sua escola saíram promissores violinistas, como Gino Alfonsi, Clemente Capella, *spalla* da Orquestra Sinfônica, a violinista Althea Alimonda, vencedora do 1º concurso de aperfeiçoamento de 1939, o professor Edmundo Blois, ex-*spalla* da Orquestra Sinfônica do Rio de Janeiro, e muitos outros, que representam com primazia os ensinamentos de seu mestre.

Torquato Amore atuou também nas rádios Educadora, Tupy, Record e Gazeta. Outra curiosidade fica por conta da Semana de Arte Moderna, renegada veementemente por Amore. ■

Ministro Nelson Jobim aborda o Conselho Nacional de Justiça

O presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) e do Conselho Nacional de Justiça (CNJ), Nelson Jobim, falou sobre *O Conselho Nacional de Justiça e suas atribuições*, em palestra do *Sistema Multiensino*, transmitida pela TV Web.

O Conselho Nacional de Justiça é um órgão do Poder Judiciário e foi instituído no dia 30 de dezembro de 2004, por meio da Emenda Constitucional nº 45 (Reforma do Judiciário). O ministro, que acompanhou todo o processo de discussão para a criação do órgão, iniciado em 1987, é o primeiro presidente do Conselho, que é composto por 15 membros, sendo nove integrantes do Judiciário, dois membros do Ministério Público, dois membros da advocacia e dois cidadãos.

Nelson Jobim explicou que, para a criação do Conselho Nacional de Justiça, foi necessária uma longa batalha com a classe de magistrados, que não aceitava a idéia de que era fundamental um órgão que pensasse nacionalmente no Poder Judiciário brasileiro.

Para impedir o surgimento do órgão, a Associação dos Magistrados Brasileiros entrou com uma ação alegando que era inconstitucional a criação do Conselho, porque este seria composto por membros não-integrantes da magistratura. A ação foi considerada improcedente e, assim, o Conselho Nacional de Justiça foi criado.

Logo após a concepção do CNJ,

alguns problemas em relação às suas competências – dispostas no artigo 103-B da Constituição – foram detectados. Jobim explicou que o Conselho possui duas competências básicas: a primeira é a convencional, na qual há a possibilidade de o Conselho tomar decisões de natureza disciplinar em relação a qualquer magistrado nacional; a outra função o Conselho exerce como um órgão de planejamento e fiscalização. O principal ponto de divergência era como conciliar os poderes e os objetivos nacionais do CNJ com as autonomias locais. Ficou decidido, então, que caberá ao Conselho Nacional de Justiça a determinação de normas gerais administrativas, cuja aplicação uniforme em todo o território nacional será fundamental para a racionalidade da gestão judicial, não implicando em violação à realidade regional de funcionamento de cada tribunal.

Em seu curto período de existência, o CNJ já lidou com assuntos polêmicos, como a questão do nepotismo, promulgando, inclusive, uma norma validada pelo Supremo Tribunal Federal. Em relação a esse assunto, Nelson Jobim contou que havia uma série de decisões dos Tribunais quanto à contratação de parentes, visto que tais contratações chegaram à ordem de três mil só nos Tribunais de Justiça no País.

“O Conselho foi provocado pela Associação dos Magistrados Trabalhistas, que obteve depois o apoio

da Associação dos Juizes Federais e da Associação dos Magistrados Brasileiros; nós decidimos, então, disciplinar o nepotismo, proibindo-o com retaliação”, contou o ministro.

Nelson Jobim explicou ainda toda a polêmica em torno da questão do teto salarial para o Judiciário. Para o ministro, o cumprimento dessa medida, que visa reduzir os gastos públicos com pessoal, é tão importante quanto o fim do nepotismo. Depois de muita discussão entre os Tribunais de Justiça, o CNJ limitou os salários para os desembargadores e funcionários do Judiciário estaduais e federais.

Para encerrar, Nelson Jobim salientou que, apesar do seu pouco tempo, o Conselho está sabendo enfrentar, de maneira progressiva, as definições importantes, como a conciliação entre a sua função convencional de julgar disciplinarmente a magistratura nacional nos casos submetidos ao Conselho com a sua função de planejamento e fiscalização. “O Conselho Nacional de Justiça deseja estabelecer critérios para que os tribunais brasileiros sejam confiáveis, acessíveis a todos e previsíveis”, completou. ■



Presidente do Supremo Tribunal Federal, Nelson Jobim

Ministro Edson Vidigal fala sobre a Lei de Crimes Hediondos

O *Sistema Multiensino* trouxe para a UNIP, *campus* Paraíso, a palestra do presidente do Superior Tribunal de Justiça, o ministro Edson Vidigal, que tratou dos aspectos jurídicos e sociais da Lei nº 8.072, de 25 de julho de 1990, a Lei dos Crimes Hediondos.

Com a descontração e facilidade de comunicação que o caracterizam, o ministro Edson Vidigal iniciou sua palestra ressaltando os aspectos constitucionais da Lei dos Crimes

Hediondos. Destacou que, na busca de conter a criminalidade que afligia a sociedade brasileira no início da década de 90, cujos índices de violência atingiam cifras muito elevadas, o legislador editou a Lei nº 8.072/90, posteriormente conhecida como Lei dos Crimes Hediondos, atendendo aos termos da Constituição Federal, que, no inciso XLIII do artigo 5º, já manifestava a necessidade de maior rigor na punição aos crimes definidos como hediondos.

Explicou que a lei entrou em vigor em 25 de julho de 1990, e que sua redação original classifica no artigo 1º os crimes definidos como hediondos. Assim, são hediondos o latrocínio, a extorsão qualificada pela morte, a extorsão mediante seqüestro e na forma qualificada, o

estupro, o atentado violento ao pudor, a epidemia com ocorrência de morte, o envenenamento da água potável ou de substância alimentícia ou medicinal qualificado pela morte e o genocídio. O ministro acrescentou que, em atenção à Constituição Federal, o artigo 2º da Lei nº 8.072/90 decretou que os crimes de prática de tortura, tráfico ilícito de entorpecentes e drogas afins e o terrorismo se equiparam aos crimes hediondos nas hipóteses citadas dentre os incisos e parágrafos do mesmo artigo.

Em sua fala, o ministro Edson Vidigal ressaltou que a Lei de Crimes Hediondos não possui tipificação descrita entre seus artigos para os crimes por ela regidos, devendo se valer de tipificações constantes no Código Penal e de legislação esparsa dos artigos que cita.

Com sabedoria, ponderação, experiência e sagacidade, o ministro Edson Vidigal soube transmitir os mais importantes aspectos dessa lei, que divide opiniões e concentra muitas considerações favoráveis e contrárias. Concluiu afirmando que, “se a criminalidade violenta nos traz preocupação e insegurança, também é correto afirmar que o Estado deve sempre primar pela razoabilidade,

“Se a criminalidade violenta nos traz preocupação e insegurança, também é correto afirmar que o Estado deve sempre primar pela razoabilidade, corrigindo as distorções e desvios da aplicação pura e simples da lei.”

corrigindo as distorções e desvios da aplicação pura e simples da lei. Os julgadores, sobretudo do Superior Tribunal de Justiça, acham-se mais do que preparados para corrigi-las”.

O ministro foi calorosamente aplaudido em sua conclusão, firmando compromisso de breve retorno ao convívio acadêmico da UNIP, da qual já se tornou integrante e ativo colaborador. ■



Ministro
Edson Vidigal

Presidente da OAB destaca novos mercados na advocacia

Para abordar a profissão que tanto o engrandece, o presidente da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), secção São Paulo, Luiz Flávio Borges D'Urso, compareceu ao *campus* Paraíso, para proferir a palestra *Os novos mercados na advocacia*. A conferência também foi transmitida simultaneamente pela TV Web.

Para D'Urso, quando um advogado começa a perceber a dimensão da advocacia, passa a verificar que não é patrocinador de uma causa, mas sim defensor do cidadão e das regras de convivência entre os homens. “Nós somos aqueles que agem no momento do conflito para patrocinar a paz”, disse.

O presidente da OAB paulista explicou que a vida de um advogado é feita de muito estudo. “Quem vê de fora muitas vezes não entende isso e não sabe que a nossa opção, nessa carreira, é estudar, estudar e estudar até o último instante da existência”, falou, acrescentando que estudar não significa decorar, mas usar do intelecto para interpretar o texto da lei à luz da doutrina e da jurisprudência.

Em relação às novas alternativas na área da advocacia, D'Urso afirmou que muitas vezes existe uma visão atrasada por parte dos estudantes sobre o que é o mercado, pois eles acham que não existem novas áreas de atuação e não se especializam. Para exemplificar, Luiz Flávio Borges D'Urso citou o exemplo dos

médicos, que no passado só exerciam a clínica geral, mas, com o tempo, foram se aperfeiçoando, buscando novos caminhos até chegarem à especialização em cada enfermidade. “Esse grau de especialização que tomou conta da medicina começa a se avizinhar e a nossa área também começa a viver isso, então é inevitável que ao final do curso de Bacharelado nós tenhamos a perspectiva de que, para ingressar nesses mercados mais específicos, precisamos estudar”, aconselhou.

Como exemplo de novos mercados que estão surgindo a cada dia, o presidente citou a área do Direito de Telecomunicações, que inclui a telefonia, a telefonia móvel e a TV digital. “É um mercado novo e gigantesco, que possui legislação própria, mas não tem um número suficiente de advogados”. Falou também sobre novos profissionais especializados em Direito do Consumidor, *Franchising* e Esportivo.

D'Urso citou, ainda, o Direito do Meio Ambiente, uma tutela que no passado não era tão importante, mas que, com o passar dos anos, ganhou legislação própria e continua sem profissionais habilitados na área. “E estou falando de mercados que surgiram há cinco ou dez anos, mas, quando focamos um pouco mais adiante, verificamos, por exemplo, outras áreas promissoras, como o biodireito, as questões que envolvem



Presidente da OAB, secção São Paulo, Luiz Flávio Borges D'Urso

a inseminação artificial, as pesquisas feitas com células-tronco, entre outros mercados”, disse.

O presidente reiterou, no final de sua conferência, que há um novo momento na área da advocacia com a descoberta de novos mercados. E o sucesso para ingressar na área exige apenas um ponto, o estudo. “A taxa é sempre essa, o estudo; venha o estudante de onde vier, não há limites para quem sonha, para quem quer se realizar. Venham, abracem e amem essa profissão, e saibam que não há limites em relação ao que poderão fazer para si e para os outros.” ■

“A área do Direito de Telecomunicações, por exemplo, é um mercado novo e gigantesco, que possui legislação própria, mas não tem um número suficiente de advogados.”

Danuza conversa sobre quase tudo

Modelo, relações públicas, jurada de programa de auditório, produtora de novela, cronista social e autora da autobiografia *Quase Tudo*. Essa é Danuza Leão, que compareceu ao *campus* Paraíso para falar sobre sua mais recente obra e contar um pouco de sua vida, na palestra *Danuza conversa sobre quase tudo*.

Mediada pela jornalista da Globo *News*, Cristiana Lobo, a conferência, que foi transmitida pela TV *Web*, transformou-se em um bate-papo descontraído, no qual Danuza relembrou sua juventude, suas viagens e ainda deu dicas de moda aos presentes.

De início, a escritora contou como foi o processo de realização do livro, afirmando que, a princípio, não achou uma boa idéia contar sua história. “Até hoje eu não sei por que tanta gente comprou meu livro. Tive uma vida interessante sim, mas, como eu nunca tive outra, acho-a completamente normal”, disse. Ela conta que o convite para escrever a obra foi feito logo após a publicação de um texto, em 2004, sobre os 50 anos da morte de Getúlio Vargas, de quem seu ex-marido, Samuel Wainer, foi grande amigo.

Convencida a escrever, Danuza Leão teve uma grande dificuldade para começar o livro. “Não conseguia escrever em primeira pessoa, eu nunca escrevi ‘eu’ em todos esses anos de jornal”, contou. Passada a dificuldade inicial, a autora levou apenas nove meses para concluir seu livro, apesar do prazo de dois anos

e meio. “Depois, percebi que, na verdade, eu estava pronta para contar a minha vida, bastava apenas sentar e escrever.”

Valendo-se apenas de suas memórias, Danuza discorreu sobre como foi ver o surgimento da bossa nova, lembrando a infância com sua irmã, Nara Leão. “Meu pai era muito liberal, e, enquanto as meninas da época tinham de estudar piano, meu pai deixou a Nara aprender violão com o Patrício Teixeira, um grande sambista das antigas”, contou, completando: “Então, começou um movimento lá em casa, com a garotada que gostava de música, como Roberto Menescal, Carlos Lyra, Tom Jobim, João Gilberto e Vinícius de Moraes”. Danuza conta que esses encontros foram se tornando cada vez mais frequentes e, quando se deu conta, já tinha se transformado no movimento da bossa nova, com a irmã cantando no *show Opinião*.

Sobre o mundo da moda, no qual viveu durante o tempo em que foi manequim, sendo a primeira brasileira a desfilarem no exterior e a primeira mulher a trazer a minissaia para o País, Danuza Leão diz não acompanhar mais nada. “Houve um tempo em que parecia haver uma ditadura, já que as roupas tinham sempre o mesmo padrão, as pessoas seguiam o mesmo estilo. Atualmente, todo mundo faz e usa exatamente o que quer, por isso me sinto incapacitada de acompanhar a moda”, explicou.

Danuza atribui à sua curiosidade



Danuza Leão

e à sua percepção o fato de ter “se tornado” uma jornalista, mesmo não tendo cursado faculdade. “Eu tenho a impressão de que, basicamente, um jornalista precisa ter curiosidade durante 35 horas por dia, além de dedicação total, porque é uma profissão que exige muito”, acredita, afirmando que tal crença vem do fato de ter sido casada com três jornalistas de estilos completamente diferentes.

Além do livro *Quase Tudo*, Danuza já publicou as obras *Na sala com Danuza* e *Na sala com Danuza 2*, e escreve uma coluna para o jornal *Folha de S. Paulo*. ■

“Houve um tempo em que parecia haver uma ditadura, já que as roupas tinham sempre o mesmo padrão, as pessoas seguiam o mesmo estilo.”

Multi

destaques

UNIP promove espetáculo teatral com atores e culturas de três continentes simultaneamente

Seria possível que nove pessoas, localizadas em três cidades de continentes diferentes, atuassem simultaneamente em uma mesma produção teatral? Sob a ótica de um quarto espaço imaginário que se vale dos recursos da tecnologia, sim.

E foi exatamente nesse ambiente que os espectadores assistiram à peça *Play on Earth*, no Teatro da Universidade Paulista, *campus* Paraíso, em São Paulo (Brasil), em Newcastle (Reino Unido) e em Cingapura (Ásia). O público conferiu a peça tanto presencialmente como pela *internet*, por meio da exibição pela TV *Web* da UNIP, instituição patrocinadora do evento e gerenciadora da tecnologia envolvida.

Para que isso acontecesse, foram utilizadas plataformas de transmissão de áudio e vídeo sobre *internet* (*streaming*), o que permitiu uma interação praticamente em tempo real entre os atores: o *delay* (atraso) ficou restrito a cerca de um segundo entre a imagem gerada e a recebida em qualquer um dos pontos.

Play on Earth: decifre-a, se puder...

Play on Earth é o nome dado à peça teatral que, ao integrar três continentes, três públicos e, no mínimo, três culturas diferentes ao mesmo tempo, utilizou um mundo metafísico e imaginário (o das telas) para delinear o mundo real. O espetáculo valeu-se de recursos tecnológicos dispostos em vídeo, áudio e conexão com a *internet* para exibir uma história que usou uma linguagem cinematográfica para

contar encontros e desencontros nos relacionamentos amorosos.

Em cada lugar, o público assistiu a uma atuação ao vivo associada a três telas: uma com a imagem local, e outras duas com imagens dos outros espaços. Desse encontro, surpreendentemente, nasceu uma narrativa unificada que levou a um quarto espaço imaginário. Na relação das três telas, criou-se a sensação de unidade, concretizando uma verdade comum aos três palcos.

Para a construção da narrativa de palco em São Paulo, o diretor cênico Rubens Velloso optou pela criação

de um narrador – Carlos (Marcos Azevedo), que lembrou uma história que foi encenada ao vivo. A montagem teve as imagens ora reforçando o que estava sendo feito no palco, ora traçando caminho contrário. Para Velloso, foi a partir da tecnologia que se estabeleceu uma nova forma de expressão que explorou recursos do teatro, cinema e artes plásticas.

Como a peça aconteceu no Brasil, no Reino Unido e em Cingapura, localidades que têm diferenças de fusos, as apresentações ocorreram em períodos distintos (manhã, tarde, noite

e madrugada). Mas engana-se quem pensa que essa diferença de horários foi um dificultador. Ao contrário, ela foi estrategicamente bem aproveitada pelos idealizadores e produtores da peça, que a incorporaram em diferentes versões da narrativa, de forma que cada *performance* se baseasse em elementos locais e no horário real da apresentação.

Em *Play on Earth* o espectador viajou sentado em sua poltrona em frente do palco ou do computador. Interação entre os atores nos três continentes foi mais um destaque dessa peça. ■



Gabriel Chalita fala de *Pedagogia do Amor* em palestra



Gabriel Chalita

“Os alunos estão sedentos de atenção, de valores, de gente que se transforme em um referencial. Querem uma aula que deixe saudades.”

“Era uma vez um sonho. O sonho de manter acesa a chama vibrante, intensa e colorida da infância.” Essa frase retirada do livro *Pedagogia do Amor*, de Gabriel

Chalita, ex-secretário da Educação do Estado de São Paulo, remete à importância do companheirismo, da amizade e do amor entre pais e filhos, entre alunos e professores.

Tal abordagem foi apresentada por Chalita em palestra aos alunos do *campus* Tatuapé da Universidade Paulista.

De maneira informal, Chalita contou um pouco da história de sua vida e da experiência gratificante de atuar como um educador, que foca suas atenções no carinho, na dedicação e na compreensão em sala de aula, segundo ele, ingredientes imprescindíveis no processo ensino-aprendizagem.

Para falar desse jeito de ensinar, Gabriel Chalita recorreu a uma de suas últimas viagens, dessa vez ao Chile, cujo objetivo foi ver de perto a recuperação do sistema educacional daquele país, hoje referencial na América Latina.

“O Chile privilegia o professor, atribuindo-lhe bons salários e cursos de qualificação. Preocupa-se com o aluno e com sua maior permanência na escola, atentando sempre para a participação da família no ambiente escolar. Investe no ensino da arte e na prática de esportes. Preocupa-se em repassar ao estudante a importância de relacionar-se com a natureza, para o desenvolvimento de sua sensibilidade, de seu trabalho em equipe e de sua capacidade de percepção, itens esses que levam o aluno a resolver problemas e desenvolver projetos. É essa a educação que dá certo, uma educação na qual se mostra que o estudante é importante. Está aí o diferencial do Chile”, explicou Chalita.

Mas ser educador, mesmo com os padrões de qualidade observados no Chile, não é fácil: trata-se de uma missão árdua, complexa e difícil, uma verdadeira profissão de fé, que faz do professor um modelo a ser seguido, e não apenas um conselheiro. Segundo Chalita, o mestre deve ser visto por sua educação, por sua ética, por sua gentileza, pela forma como desenvolve seu trabalho e pela maneira como ajuda o aluno a sonhar. “Os alunos estão sedentos de atenção, de valores,

de gente que se transforme em um referencial. Querem uma aula que deixe saudades. O professor não vai resolver o problema de conhecimento do aluno em sala de aula, até porque o saber não se esgota, mas precisamos fazer com que esse estudante saia da sala alimentado de conhecimento”, explica.

Outro ponto que não passou despercebido foi a autocrítica, algo de que o professor não pode abrir mão. Para Chalita, é preciso que o docente analise suas qualidades e seus defeitos, priorizando a humildade. “Quando eu acho que sou o dono da verdade, e que o mundo inteiro está errado e eu estou certo, não estou sendo humilde. Quando coloco a culpa de minhas frustrações em tudo que me cerca, não estou sendo sensato. Mas se, por exemplo, em um aspecto didático eu erro e assumo isso, evoluo dia a dia na minha história como professor”, diz o ex-secretário da Educação.

Oswald de Andrade já havia dito algo semelhante: ele queria “a contribuição milionária de todos os erros”. Carlos Drummond de Andrade também devia saber que errar é próprio do ser humano, mas, mesmo assim, não deixou de alertar: “Cuidado por onde andas, que é sobre meus sonhos que caminhas”. ■

Decio Tozzi: A arquitetura e o contexto da paisagem

Escola Técnica do Comércio, Capela da Fazenda Veneza, Parque Villa-Lobos e Fórum Trabalhista Ruy Barbosa. Esses são alguns dos trabalhos desenvolvidos pelo arquiteto Decio Tozzi, que compareceu ao *campus* Norte para falar sobre *A arquitetura e o contexto da paisagem*, em palestra transmitida simultaneamente pela TV Web.

De início, Decio explicou que a questão da arquitetura e da paisagem normalmente é colocada como uma relação de um determinado objeto em um terreno natural ou em uma paisagem já construída. “Acho oportuno mostrar e discutir essa questão porque o que tenho presenciado são certas apropriações formais que levam a confusões de todo o corpo de arquitetos e estudantes”, disse.

Para o arquiteto, a questão da paisagem remete sempre a uma realidade, que vem a ser a visão de um determinado

problema ou espaço, baseado no extremo conhecimento. O arquiteto tem a responsabilidade de trabalhar com a realidade, descobrindo as forças que geram o espaço existente – quer sejam construídos pelas mãos do homem quer não – e compreendendo as colorações e as constituições que lhe pertencem. O conhecimento dessas forças faz com que o arquiteto tenha uma condição melhor para agir naquela realidade.

“A paisagem é uma realidade dada por um grande conhecimento interdisciplinar, e a nossa atuação visa à interferência dentro de todos os princípios dos campos de atuação. Quanto mais cultura e conhecimento o arquiteto tiver, melhor ele irá construir sua paisagem”, acredita Decio Tozzi.

Para finalizar, o arquiteto apresentou um projeto sobre como imagina a cidade de São Paulo daqui a alguns anos. ■



Decio Tozzi

Educação de qualidade agora mais próxima de você

A Universidade Paulista – UNIP, que é sempre atualizada, oferece o SISTEMA DE ENSINO PRESENCIAL INTERATIVO – SEPI.

Você aprende com professor e interage também, em qualquer momento, utilizando tecnologia educacional, com o auxílio da modalidade de Educação a Distância – EAD.

O Sistema de Ensino Presencial Interativo – SEPI permite combinar ensino presencial e a distância, o que possibilita a implantação de uma unidade ou pólo presencial da UNIP perto de você.

A UNIP é pioneira no uso do computador e do satélite na educação

Há mais de 30 anos a UNIP vem utilizando tecnologia educacional para auxiliar o professor a ministrar ensino de qualidade e eficaz.

No início da década de 1970, a UNIP foi a primeira a adotar computador em sala de aula. Também foi a primeira a utilizar satélite para ensinar, no princípio da década de 1980.

A composição do grupo de tecnologias educacionais a serem utilizadas, a duração e a frequência dos momentos presenciais dependem do perfil do aluno, das características do curso e das condições locais, bem como da metodologia adotada.

A presencialidade poderá se efetivar de uma ou mais formas, como, por exemplo, por intermédio de professor e/ou tutor e/ou monitor e/ou videoconferência e/ou teleaula, avaliação obrigatória etc.

Com o SEPI, você aprende a partir da troca de informações na realização de atividades e exercícios. Participa de fóruns e *chats*, que são arquivados e

disponibilizados para futuras consultas, e de grupos de alunos, com áreas próprias para trocas de arquivos e *e-mails*, além de painel de discussão e sala virtual.

Tem acesso a glossários e cadernos virtuais, nos quais você pode fazer anotações à medida que estuda.

Tarefas individuais ou em grupo são realizadas, com escolha de prioridades e datas de entrega, bem como possibilidade de acompanhamento de progresso na aprendizagem.

No SEPI, além da avaliação presencial obrigatória, você dispõe da forma *on-line*, com correção automática dos testes e exercícios. Você também pode ser avaliado com a aplicação de questões discursivas, cujas respostas são enviadas para o *e-mail* interno do professor *on-line*. Você ainda realiza trabalhos e atividades que são enviados por *e-mails* internos.

Os resultados de suas avaliações são automaticamente registrados no boletim de notas.

O SEPI acompanha seu desempenho durante todo o curso por meio de um painel que oferece visão geral de seu progresso na aprendizagem.

Acesse o site www.sepi.unip.br, conheça as localidades onde estão instaladas as unidades da UNIP e escolha a mais próxima de você. ■



Violência urbana: um problema social, segundo Drauzio Varella

Relatar com um olhar pessoal e testemunhal a questão da [in]segurança pública por detrás das muralhas da extinta Casa de Detenção de São Paulo – o Carandiru, sob o prisma de quem presenciou muito do que se ouviu falar aqui fora, foi a intenção do médico Drauzio Varella ao proferir palestra sobre *Violência Urbana* a mais de 500 estudantes da Universidade Paulista e a internautas conectados pela TV *Web*, no *campus* Paraíso.

A temática escolhida partiu dos recentes atentados protagonizados pela organização criminosa PCC – Primeiro Comando da Capital, em São Paulo. Como primeira análise, um espectador atento poderia questionar a ligação entre a carreira de Drauzio e a questão da violência urbana. O que teria Varella,

como médico, de tão substancial para falar sobre a violência à sociedade de fora dos muros de um presídio? A resposta é: tudo. A começar porque tomou contato com a sigla PCC na própria Detenção, quando exercia a Medicina entre aqueles presos: quase toda segunda-feira (dia da semana marcado para acerto de contas de quem havia infringido as leis internas), Varella era chamado para elaborar um relatório sobre o óbito de algum detento. Em uma delas, o médico, ao examinar um cadáver de bruços, notou que a região do pescoço havia sido cortada da nuca até a traquéia – e, pior, após a vítima já estar morta. Indignado, perguntou a um dos funcionários a razão de tamanha barbárie e teve como resposta: “é a marca do PCC” – um grupo de presos

criado em 1993, na Casa de Custódia de Taubaté.

Cenas dantescas como essa eram rotineiras nos corredores da Casa de Detenção. Em seus cinco andares, com vários pavilhões que abrigavam uma população carcerária que beirava oito mil detentos, Drauzio iniciou seus trabalhos em 1989, com a aplicação de um questionário epidemiológico para detectar o número de infectados pelo vírus da Aids. Tomado de surpresa pela porcentagem alarmante – nada menos que 17,2% –, ele decidiu que uma nova atividade, dessa vez de prevenção, deveria ser posta em prática, digamos, de uma forma pouco convencional: em troca de uma sessão de vídeo de pornochanchada, os presos, antes, deveriam assistir a um pequeno documentário sobre a Aids e, em seguida, participar de um tira-dúvidas com o médico. Assim foi feito, e o êxito veio rápido.

De acordo com Varella, até antes do massacre do Carandiru, em outubro de 1992, as relações entre os presidiários e o diretor da Casa eram passíveis de diálogo, evitando, assim, grandes rebeliões. A partir da invasão ao Pavilhão 9 e dos 111 mortos, as relações mudaram de rumo e ficaram nas mãos dos inúmeros sobreviventes, desconfiados e afoitos pela própria segurança: “Desde a invasão nunca mais o presídio foi o mesmo, perdeu-se o controle da cadeia, que se tornou um local inseguro demais, favorecendo o crescimento de organizações criminosas que assumiram o poder”.

Outro ponto abordado por Drauzio foi o de que, ao infringir uma

regra da cadeia pela manhã, à tarde a morte era certa. O código de leis era oral, claro e servia de exemplo para que o ‘mal’ não se repetisse: “Na cadeia as leis entre os presos são rígidas, existe o certo e o errado, não há meio-termo. A punição é veloz e serve de exemplo para que outros não cometam o mesmo erro, contrariamente ao sistema daqui de fora, em que as leis abrem brechas para que os processos sejam empurrados por décadas, deixando, muitas vezes, a sensação de que a Justiça não funciona”, cita Drauzio.

E a violência, como vai?

Vai bem. “Ela é doença contagiosa, epidêmica e progride vertiginosamente na força da desigualdade em todas as suas vertentes, na impunidade, no comportamento intempestivo, mas, principalmente, na infância descuidada, na adolescência sem disciplina e na convivência com pares violentos”, relatou o médico antes de encerrar a palestra, falando sobre outros temas relevantes, como natalidade e pena de morte, reforçando que as periferias de todas as cidades brasileiras abrigam milhões de pessoas em situações de socorro e que nós, diante de medidas equivocadas, ultrapassamos o ponto. “Não sou especialista na área de segurança pública, mas acredito que, se quisermos atingir as raízes da violência, teremos que modificar a estrutura social do nosso país, envolvendo vários setores, dentre eles o da geração de emprego e o da educação”, alerta. ■



Drauzio Varella

Sossego e turbulência no coração de Hortência

Desde que a humanidade existe, as mulheres lutam por um “lugar ao sol”. As causas dessa epopéia podem remontar aos primórdios da criação divina, que já de início retratou Eva como fruto das costelas de Adão. Em suma e por pressuposto, as mulheres teriam nascido dos homens.

O tempo foi passando e com ele os homens decidiam na mesma proporção da que as mulheres obedeciam. Cenário de tal situação dá-se, por exemplo, no decorrer do século 19, que testemunhou uma mulher voltada à vida doméstica, com papel secundário em uma sociedade que jogava para o futuro a responsabilidade do desenvolvimento da educação formal do gênero feminino. Era assim: aguardar para mudar.

Algumas mulheres não pensavam dessa maneira: *Marias, Rosas e Chiquinhas* (*Gonzagas* ou não) começaram a lutar para que se abrissem as portas do conhecimento: elas ansiavam educar-se

para ingressar na nascente universidade, ambiente exclusivo de calças e cartolas.

Em meio a essas mulheres e nas que viriam estava Hortência, que serviu de mote e inspiração para a produção no século 21 da peça teatral *Sossego e turbulência no coração de Hortência* (Projeto Teatro nas Universidades), que subiria aos palcos dos teatros de instituições brasileiras, como assim foi nos da Universidade Paulista.

O sossego e a turbulência de cada um em cada época...

Sossego e turbulência no coração de Hortência é uma homenagem às conquistas femininas. Retratando a situação da mulher nos séculos 19 e 21, o autor José Antonio de Souza chama de Hortência as duas mulheres que têm em comum a mesma crença na própria capacidade de transformar a sociedade.

No início da peça, o espectador acompanha a vida, os amores e os anseios de Hortência no século 19, que



sonhava em publicar uma obra literária.

Um corte seco muda a cena e uma nova narrativa apresenta uma outra Hortência: uma jovem que, própria do século 21, encarna o papel de mulher emancipada.

Nesse ir e vir de épocas, o

espetáculo gera uma sensação de continuidade e de recomeço. As cenas com a protagonista e com os outros personagens fazem com que suas histórias do passado sejam revistas e continuadas no presente, levando o espectador a um surpreendente final. ■

Campeão brasileiro universitário de caratê é aluno da UNIP

O aluno Carlos Henrique Bastos da Silva, que cursa o quinto ano de Direito na Universidade Paulista, *campus* Cidade Universitária, conquistou o título de campeão brasileiro universitário de caratê, em campeonato realizado de 2 a 4 de junho, no Recife, PE. O evento foi realizado pela Confederação Brasileira do Desporto Universitário, com apoio da Confederação Brasileira de Karatê, ligada ao COB e ao COI.

O atleta, faixa verde, obteve o título na modalidade “Kata”

(demonstração de técnicas) – categoria absoluta até a faixa roxa. Ele trouxe ainda mais duas medalhas, prata e ouro, em outras categorias.

Carlos Henrique, de 41 anos, que foi Campeão Paulista Universitário em 2004 (Jusp), conta com apoio da Atlético UNIP desde o primeiro ano da faculdade, e dessa vez teve o patrocínio da Rede Record para as despesas de viagem.

Esse é o principal campeonato de caratê universitário do Brasil, e o único que, nas categorias superiores

(faixa preta), dá acesso ao Campeonato Mundial.

“A participação é uma realização pessoal, mas não deixa de ser extremamente gratificante poder levar para o restante da vida a emoção do título, sentindo orgulho de ter escrito mais uma página da história desta Universidade. É o exemplo e lição que sempre me orgulharei de dar aos meus filhos e netos – com perseverança, treino e dedicação, tudo é possível”, conclui o atleta. ■



Uma viagem pela Língua Portuguesa



Fotos: Luciano Bogado

Um passeio pela Língua Portuguesa, sua literatura e história. É isso que o Museu da Língua Portuguesa, instalado na Estação da Luz, em São Paulo, proporciona aos seus visitantes desde o dia 20 de março, quando foi inaugurado.

Único do gênero no mundo, o Museu possui um vasto material sobre a linguagem do cotidiano, a literatura brasileira e os idiomas que ajudaram a formar o Português, que é falado por aproximadamente 200 milhões de pessoas em todo o mundo, sendo a sexta língua mais utilizada. Todo o material é mostrado em diversas mídias, que garantem interatividade ao visitante.

O Museu da Língua Portuguesa tem como objetivo fazer com que as pessoas descubram aspectos da língua que falam, lêem e escrevem, bem como da cultura do país em que vivem.

Árvore da Língua, Grande Galeria e Praça da Língua são alguns dos espaços que o Museu abriga. Em cada um deles há algo inovador para o visitante, unindo informação e tecnologia.

Logo na entrada, a surpresa fica por conta da Árvore da Língua, uma escultura de 16 metros de altura, feita de ferro e formada por palavras, criada pelo poeta Antônio Risério em parceria com o músico Arnaldo Antunes.

O segundo andar possui diversas opções: há a Grande Galeria, um enorme painel feito de projeções de imagens e sons; a Galeria das Influências, com totens dedicados às influências das línguas e povos que contribuíram para a formação do Português; a Linha do Tempo, com telas interativas e vídeos que contam a história do idioma no Brasil, e o Beco

das Palavras, no qual se aprende sobre a criação das palavras e a etimologia dos termos usados na atualidade.

O último piso do local é dedicado ao auditório, com capacidade para 166 pessoas, no qual é projetado um filme sobre a origem da Língua Portuguesa, além da Praça da Língua, onde ocorrem projeções no teto, enquanto são declamados poemas.

O Museu possui, ainda, espaço para exposições e conta com oficinas de capacitação de professores, biblioteca e computadores ligados a um portal de Língua Portuguesa na *internet*.

O Museu da Língua Portuguesa fica na Estação da Luz, na Praça da Luz, s/nº, e funciona de terça a domingo, das 10h às 18h. A entrada custa R\$ 4,00 (R\$ 2,00 para estudantes). ■

Multi UNIP
UNIVERSIDADE PAULISTA

Editora Sol

diretora

Sandra Miessa

consultoria

Elisabete Brihy

editoras

Sandra Miessa e Wilma Ary

multimídia

Marcelo Souza

comunicação institucional

Marcus Vinicius Mathias

Melissa Larrabure

chefia de redação

Wilma Ary

multi@unip.br

reportagem

Carla Linhares

Roberta Abrahão

revisão

Helôisa Helena Martins

Maria Teresa Ribeiro

Mônica Di Giacomo

diagramação

Fernanda Milani

arte e capa

Alexandre Ponzetto

fotolito

Homart